

# HEROÍNA E AGÊNCIA: ITINERÁRIOS DE USO DA DROGA NA LISBOA DOS ANOS 90

*Luís Almeida Vasconcelos*

O ensaio, que realiza uma análise interpretativa do discurso de seis utilizadores de heroína, resulta de uma proposta de âmbito geral: da mobilidade interna da droga no interior do organismo biológico, ou seja, do discurso de *centralidade da substância*, propõe-se uma mudança que oriente a atenção para a *centralidade do produto*. Assim, e acompanhando os contextos em que este começa e continua a ser utilizado, olha-se para as formas e para os objectos através dos quais ele é consumido. Analisando a interacção nos espaços onde a sua aquisição vem a ser tornada possível e as suas tomas se realizam, vê-se como a mobilidade – constitutiva quer do sentido dado ao consumo quer dos próprios efeitos da droga – passa a ser um atributo de pessoas em relação. E assim se encara a “ressaca”: expressão somática que, no quotidiano, torna imperativo o acesso a um mundo não legitimado.

Gregory Bateson chama a atenção para “as implicações lógicas” (1987: 310) de um discurso que remete a explicação do uso reiterado de uma substância psicoactiva – no caso o álcool – para causas encontradas exclusivamente a montante desse mesmo uso.<sup>1</sup> A propósito da caracterização do alcoólico por recurso a quadros classificatórios prévios a um consumo que, dessa forma, aparece como mero efeito, o autor escreve:

Se é o seu tipo de sobriedade que o faz beber, é então aí que deve estar a falta ou patologia, constituindo a intoxicação uma correcção – pelo menos subjectiva – de tal falta. Por outras palavras, comparada com a sua sobriedade, de alguma forma “errada”, a sua intoxicação poderá ser vista como “certa”. O velho chavão *in vino veritas* pode conter uma verdade mais profunda do que a que costuma ser-lhe atribuída (Bateson 1987: 310-111).<sup>2</sup>

É este o ponto de vista a partir do qual o apelo à abstinência é passível de se constituir num facto paradoxal, já que a sua efectivação consistiria no retorno ao mesmo quadro onde foram encontradas as causas para beber.<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Este ensaio corresponde, no essencial, a um dos capítulos da dissertação realizada no âmbito do curso de mestrado em antropologia “Poder e Diferenciação: Processos Contemporâneos”, do ISCTE. Tenho a agradecer ao Serviço de Prevenção e Tratamento da Toxicodependência, hoje Instituto da Droga e da Toxicodependência, a cujo quadro de pessoal pertencço, o facto de ter autorizado que me dedicasse a tempo inteiro ao trabalho de campo e à redacção da dissertação. Ao Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa tenho a agradecer as magníficas condições de trabalho para tanto postas à minha disposição, bem como a prévia integração no programa de investigação “Substâncias Psicoactivas e Inserção Social”.

<sup>2</sup> As traduções de obras citadas em línguas estrangeiras são da responsabilidade do autor.

<sup>3</sup> Por relação ao uso de drogas, esta aproximação tem persistido ao longo do tempo. Já Alfred Lindesmith se refere criticamente a esta “visão convencional”, na qual a utilização é vista como um “mecanismo de escape” para “pessoas

Este texto segue a sugestão de Bateson, remetendo a análise do uso de heroína para as pessoas e para os próprios itinerários que essa utilização constitui.<sup>4</sup> Não se pretende com isso afirmar a total irrelevância da experiência correspondente aos períodos anteriores ao consumo.<sup>5</sup> Pelo contrário, não só o início do uso corresponde a um momento que se relaciona com os que o antecedem, como a sua reiteração não seria possível se aqueles que consomem não conhecessem as condições de interacção que resultam do prolongamento do quadro relacional anterior à utilização. A única afirmação que fazemos é a de que é nessa utilização que devem ser encontradas muitas das causas que a explicam e que a desenvolvem.

De entre os utilizadores de droga, o nosso interesse é orientado para as pessoas que parecem ter feito do seu uso o centro de uma forma de vida, os chamados toxicodependentes.<sup>6</sup> Falamos aqui de toxicodependentes no sentido que inclui todos os consumidores regulares de heroína que continuam o seu uso apesar dos problemas que tal consumo lhes coloca e que chegam a sentir-se dependentes de tal produto, actuando em consequência, ou seja, consumindo-o para evitar os sintomas que *se associam* à abstinência.<sup>7</sup>

---

inadequadas”, “inferiores”, “frustradas” ou “psicopatas” que usam drogas com o objectivo de “escapar ou aliviar os seus problemas psíquicos” (1972 [1947]: 17). Romaní refere que as “torrentes de intensa emocionalidade” associadas, enquanto “palavra-fetiche”, ao termo “drogado” (1999: 65) resultam da difusão e integração na vida social de um conjunto de classificações como as apontadas por Lindesmith.

Para uma aproximação muito crítica à chamada “teoria do escape”, ver Preble e Casey (1969: 1-3, 6, 21). Numa crítica de pendor semelhante, naquilo em que a investigação que tem o uso como objecto se faz quase em exclusivo por referência a quadros clínicos com definição prévia, ou a conceitos – como o de personalidade – ou ainda a processos através dos quais, mais uma vez, ele aparece como simples efeito, ver a síntese e proposta alternativa de Agra e Fernandes (1993: 55-86). No que especificamente ao conceito de personalidade diz respeito e numa abordagem crítica de um ponto de vista epidemiológico, ver Hughes (1977: 57-72). Para uma aproximação aos modelos de investigação baseados nos postulados da patologia ou do desvio e às respectivas diferenças entre tais modelos e o método enográfico, ver Agar (1985). Para uma crítica a algumas teorias da dependência e dos modelos de recuperação, ver Biernacki (1986: 11-18). Sobre as relações entre determinismo psicológico e neutralização do contexto, ver Bourgeois (1995: 259-286).

Em termos de género, e no que se reporta a uma ainda maior patologização das mulheres consumidoras, ver Waldorf (1973: 160-161). Para uma crítica ao androcentrismo dos próprios modelos terapêuticos, ver Pohl e Boyd (1992: 138-152) e Henderson e Boyd (1992: 153-166). Para a concomitante constatação de práticas terapêuticas centradas no homem, ver Rosenbaum (1985: 105-127). Para a consequente constatação sobre a insuficiência dos estudos que tenham em atenção a dimensão de género, ver Henderson (1999).

<sup>4</sup> Sobre a noção de itinerário de uso de drogas, ver Pallarés (1995: 34-35).

<sup>5</sup> Os termos “uso”, “utilização” e “consumo” são aqui empregues como sinónimos, remetendo, consoante o contexto verbal em que são empregues, para as técnicas referentes à toma – inalação, fumo ou injeção – ou para a agência que a torna possível.

<sup>6</sup> Resultado de um rápido processo de difusão levado a cabo a partir dos anos 80, a palavra “toxicodependentes” veio, no léxico dos *media* e das conversas do quotidiano, substituir a palavra “drogados”. Diferentemente desta última, que classifica um conjunto específico de pessoas, a primeira aduz-lhes a partilha de um estado de doença. Neste ensaio, o emprego do termo “droga” decorre de uma necessidade descritiva. Neste sentido, demarcamo-nos de uma categoria com uma dimensão política que se encontra imbricada nas agendas que determinam e vigiam a sua significação e que são parte integrante do processo que constrói a heroína e os seus usos contemporâneos como um “problema social”.

<sup>7</sup> A definição tem por base a realizada por Gamella e citada em Pallarés (1995: 30).

Assim, o objecto a que se refere este texto é constituído por uma análise dos itinerários de uso de seis pessoas, três de cada sexo. À altura do trabalho de campo, realizado essencialmente entre Agosto de 1999 e o início de 2000, Joana<sup>8</sup> tinha vinte e dois anos, tendo iniciado o consumo com quinze. Com vinte e seis anos, Manuel tinha-o feito dez anos antes. Inês, então com vinte e três, havia experimentado a droga também com quinze. Rui fumou-a com vinte e quatro, tendo-a consumido até aos trinta e quatro. Fátima com vinte e nove e Fernando com trinta e um, casados, tinham começado a fumá-la em conjunto seis anos antes.

O contacto com cinco dos informantes foi realizado no contexto de vários serviços que compõem um Centro de Atendimento a Toxicodependentes (CAT) da região de Lisboa. Inês e Rui no centro de dia; Joana nas consultas, no dia em que aí foi atendida pela primeira vez; Manuel e Fátima no internamento. Fernando, marido desta última, seria conhecido por seu intermédio. Decorre desta circunstância que, em algum ponto dos respectivos itinerários de uso ou no processo correspondente ao programa de tratamento, as pessoas a que este ensaio se refere vieram a considerar-se toxicodependentes. Às trinta entrevistas realizadas dentro e fora das instalações daquela unidade de saúde, a maior parte delas gravadas, juntar-se-ia, com Fernando e com Fátima, um período a que corresponderam visitas à sua casa e a alguns locais do seu bairro de residência.<sup>9</sup> Algumas das palavras e expressões transcritas das entrevistas ou do diário de campo foram incorporadas neste texto.

Mostrando que os primeiros usos são levados a cabo no contexto de uma situação nova, argumentar-se-á que os diferentes significados atribuídos ao uso da droga remeteram para um processo social no qual a continuidade dada à sua utilização foi adquirindo sentido. As características atribuídas à heroína são, em simultâneo, resultado e indutor da qualidade das relações e da agência nas quais a droga vai sendo carregada de sentido.<sup>10</sup> Considerar-se-á que, para a análise da “ressaca”, nome que os informantes atribuíram aos sintomas cujo evitamento é apresentado como causa imediata do consumo, é indispensável a sua inserção no conjunto das relações sociais, espaço e objectos que, de forma indissolúvel, a constituem.

---

<sup>8</sup> Recorremos a pseudónimos.

<sup>9</sup> As entrevistas levadas a cabo fora das instalações do CAT foram realizadas em cafés, restaurantes e, nos casos de Inês, Rui, Fernando e Fátima, também no gabinete de trabalho do ICS. Excepto no caso de Joana – cujas entrevistas foram todas feitas no CAT –, o trabalho de campo incluiu várias refeições com cada um dos informantes.

<sup>10</sup> A análise interpretativa que o ensaio constitui encara estes utilizadores como agentes sociais, vendo-os, portanto, como sujeitos centrais da sua própria acção. Sendo essa a razão pela qual empregamos a noção de agência (*agency*), é também nessa medida que estabelecemos uma relação entre o seu uso de heroína e as actividades empreendidas para o realizar.

## A “ressaca”

Nomeada na literatura terapêutica como síndrome de abstinência, conceito cujo conteúdo inclui a ideia de uma “preocupação excessiva e irracional sobre as consequências da privação” de heroína (Hodgson 1992: 224), a “ressaca” ocupa um peso considerável no discurso que os utilizadores produzem a respeito do seu próprio uso.

Nas palavras de Inês, a “ressaca” corresponde a um estado que parece unificar-se na expressão de uma dor constituída pela acumulação de sintomas com proveniência diversa: “A dor física, às tantas, ao quarto dia, já... É horrível! Não há nada que não esteja mal. É diarreia, é vômitos, é arrepios de frio, é calor, é suores, é espasmos (que é a pior coisa que existe ao cimo da terra). Saltos na cama; é não dormir.”

Não só se apresenta como uma experiência que tende a envolver todo o corpo, como pode ser acompanhada por outro elemento que, a par da desadequação sensorial expressa na alternância entre arrepios e suores, remete também para um estado de exceção – durante a “ressaca” o seu corpo exalava um cheiro diferenciado: “a ressaca dá um cheiro horrível.” A este propósito, Inês refere a alegria da avó materna quando da sua paragem no uso de heroína: “já não cheira àquilo!” Do mesmo modo, Fernando descreve um episódio no qual a consciência desse cheiro, fazendo-o pensar que se tornara alvo da atenção dos outros passageiros, o fez sair do autocarro em que se dirigia ao Casal Ventoso.

Numa descrição que recobre alguns dos sintomas expressos por Inês, Joana aduz um outro elemento: “Eram aquelas dores de barriga e aquele pingo no nariz. Uma sensação na garganta [...] parece que uma pessoa tem aqui uma coisa qualquer, não sei explicar. [...] os arrepios e aqueles suores: parece que uma pessoa tem frio, tem calor. É uma ansiedade!”

A “ansiedade” define-a como resultado da urgência de a “pessoa ter de comprar, aquela coisa, assim de se despachar”. Quanto à eventual falta de dinheiro, pedido à mãe de forma continuada e por isso factor de tensão na relação entre ambas, Joana afirma que “nem podia pensar nisso” e que “arranjava sempre”. Fátima afirma algo semelhante:

[a “ressaca”] manifesta-se numa ansiedade enorme. Mesmo antes de estar a ressacar, a gente já está ansiosos, com medo de começar a ressacar [...] a ressaca começa a sentir-se antes dela chegar porque o ter medo de vir a ressacar – o medo da dor física, do mal-estar físico – para mim já é considerado ressaca [...] ou seja, sofre-se por antecipação. É isso que leva as pessoas a roubar, que leva a fazer qualquer coisa antes de começar a ressacar.

Esta “ansiedade”, que transforma o consumo e os actos para conseguir os meios monetários que o tornam possível num imperativo, sobrepõe-se a uma avaliação das consequências que deles possam advir. Inês conta que numa

das duas experiências com heroína anteriores ao seu uso quotidiano, iniciado mais de um ano depois, partilhou o “pó” com a sua irmã, na altura uma utilizadora já experimentada. O episódio parecia contradizer uma afirmação anterior na qual a irmã, que encarava o seu próprio uso como muito “perigoso”, sempre se recusara a consumir consigo. Confrontada com a contradição, Inês responde: “Mas ela estava a ressacar! Estava aflita. Nem quis saber. Aquilo para ela... ela nem estava consciente!”

Fernando estende esta avaliação ao uso feito pela mulher. Referindo-se à paragem da utilização de cocaína e de heroína quando da primeira gravidez, diz: “A Fátima soube que estava grávida e deixou de consumir; nem tabaco fumava. Foi extremamente consciente. [...] Nunca mais tocou em nada porque também não estava agarrada.” A situação não se repetiu na segunda gravidez – “Nessa altura [...] consumiu sempre”. Mas Fernando não remeteu a continuação do uso e as respectivas consequências para uma suposta falta de consciência da mulher. Se os cuidados postos na primeira gravidez atestam que Fátima é uma mulher consciente, a ausência destes na segunda apenas demonstra que ela “estava agarrada”. Estando-o, a apreciação valorativa da agência não foi remetida para a pessoa mas para a heroína que a “agarrou” e, portanto, a dominava.

A ideia de um tempo em que a consciência moral se suspende é corroborada por Rui quando, para além dos sintomas físicos que a acompanham, dá conta da “ressaca” como um estado em que a própria percepção se altera: “Na altura não se identificam as coisas. [...] A própria paisagem – sei lá, o que se vê – é feia, é deprimente. É um estado geral de espírito, muito depressivo e sofredor.” Só depois do acto de consumo é que tudo “passa a ser interessante e bonito e com razão de existir”.

Fernando fornece uma descrição completa do estado que pretendia evitar e que diz raras vezes ter experienciado:

Os sintomas da ressaca variam de pessoa para pessoa. O que sentia era dores nas articulações, ao nível das pernas e dos joelhos. Um peso enorme nas pernas – custava-me imenso andar –, os olhos sempre a lacrimejar, sempre a bocejar. O muco nasal sempre a escorrer e na base da coluna uma dor incrível, parece que temos um punhal espetado [que] não nos permite movimentar. Ficamos de tal forma que nos arrastamos, não andamos.

Começa com essas dores ao nível das articulações. Começa com o lacrimejar, depois o bocejar (como se estivesse com sono) e o muco nasal. Depois as dores nas articulações [...] Depois vem aquela sensação em que parece que lhe espetam um punhal nas pernas. Até que começa a fase dos vômitos. Até que vomita. Depois vêm as dores intestinais até que tem uma diarreia incontável.

Ou consegue arranjar qualquer coisa para consumir a tempo ou então passa o resto do dia, as quarenta e oito horas seguintes, a vomitar, com diarreia, com dores horríveis, a contorcer-se, a chorar e a gritar, a berrar.

Era, portanto, o acto de consumo que permitia a Fernando evitar o sofrimento físico que fazia cessar a mobilidade e que provocava até a dissolução da linguagem. Encarada como “disrupção do mundo quotidiano dado como adquirido” (Garro 1992: 103-104), a “ressaca” constituía-se num verdadeiro “assalto ontológico” (Garro 1992: 104).<sup>11</sup> Assim, falando da relação entre “ressaca” e trabalho, Rui diz: “Eu consumia heroína para trabalhar bem. Para conseguir ser eu. Eu trabalhava em som e era bom no que fazia. Sei que era bom no que fazia. Para conseguir ser aquele bom que era, para ter aquela qualidade de trabalho, eu tinha de consumir.” Chega mesmo a assimilar a ausência do consumo à morte, usando uma metáfora que remete para a alimentação como necessidade vital: “Se não comermos, morremos.” Do mesmo modo, e reportando-se a algumas das tentativas de “paragem”<sup>12</sup> do uso de heroína, Inês afirma: “Eu fazia a ressaca calada. Eu chegava a encostarme num canto, estava ali. [...] Eu não falava. Era como se não existisse.” Sem as capacidades para perceber e comunicar, a pessoa perde as características que a definem, perdendo em simultâneo a sua ligação ao mundo.

Referindo-se a este discurso como resultado do que designa por “modelo dramático”, Romaní e Funes apontam os “profundos subjectivismos” que o constituem sem pôr em causa a existência da “ressaca” (1985: 72).<sup>13</sup> Nem mesmo assim essas descrições deixam de ser extraordinárias. Tais descrições não corresponderam, no entanto, a um estado que tenha acompanhado a totalidade dos itinerários de uso. Referindo-se ao momento em que disse ter percebido pela primeira vez os sintomas, Fernando afirma:

Um belo dia acordo com uma sensação... umas dores no corpo, pingo no nariz, a lacrimejar, a bocejar e digo assim: “Porra! Constipei-me a noite passada”. Por acaso tinha heroína em casa e disse: “Tenho ali um restinho daquilo, vou fumar”. Passou-me a constipação. Foi aí que tive consciência de que estava agarrado àquilo.

Tratou-se de um momento ocorrido alguns meses após a primeira utilização.<sup>14</sup> Ou seja, os momentos correspondentes ao que descreve como a percepção dos sintomas e a subsequente assimilação destes a uma consequência do uso indiciam o seu enquadramento num processo. A diferença de grau entre estes sintomas, equiparados a uma gripe, e aqueles que se constituíram no assalto ontológico acima descrito sugere que tal processo possa

<sup>11</sup> Citando E. D. Pellegrino, 1979, “Toward a Reconstruction of Medical Morality: the Primacy of the Act of Profession and the Fact of Illness”, *Journal of Medicine and Philosophy*, 4, 44.

<sup>12</sup> “Paragem” é o substantivo que nomeia uma interrupção no consumo. Tal como o verbo, “parar”, a palavra tem esse significado sem que seja necessário apor qualquer complemento.

<sup>13</sup> A este propósito ver também Pallarés (1995: 82-86). De facto, Inês afirmou que “andava a chatear toda a gente” quando das “ressacas” que não dependiam da sua vontade para acabar com o consumo.

<sup>14</sup> O informante não se lembra da altura exacta em que tal aconteceu. Situa-o entre o primeiro uso, realizado no “fim do Verão de 1993”, e o nascimento do primeiro filho, ocorrido em Março de 1994.

ser estendido ao período em que o consumo foi apresentado como resultado da privação. Da análise desse processo se ocuparão as páginas que se seguem.

## O começo

Imaginando o contexto de ingestão de uma primeira bebida alcoólica, poder-se-ia afirmar que não é necessária a existência de uma relação de proximidade com os hipotéticos acompanhantes para se saber o que fazer com uma garrafa e um copo. Dificilmente se poderá dizer o mesmo da heroína: mesmo que se queira fazer um “caldo” e se tenha, para esse fim, uma “bomba”, uma “quarta”, limão, uma carga e um pouco de água ou, caso se pretenda dar um “bafinho”, uma “prata”, o que fazer com eles?<sup>15</sup> As técnicas relativas ao uso constituem saberes cuja circulação tende a restringir-se ao espaço social das relações com os especialistas.

A formulação de Bateson referida no início deste texto sugere que deve ser dada importância aos itinerários de uso. Contudo, a diferença entre o seu objecto e aquele que aqui nos ocupa obriga ao reconhecimento de uma diferença fundamental. Ao contrário das bebidas alcoólicas, a invisibilidade dos actos de consumo de heroína é, para a maioria daqueles que não a usam, quase total. Esta invisibilidade não se refere a algumas pessoas e outras tantas práticas – é sabido que, por exemplo, uma parte dos chamados arrumadores de carros o faz – mas, antes, ao completo desconhecimento que aquela maioria de não utilizadores tem das técnicas e dos objectos relativos ao seu uso.<sup>16</sup>

Da descrição dos contextos em que ocorreu, ressalta o facto de o primeiro acto de consumo feito pelos informantes ter sido preparado e levado a cabo na companhia de pelo menos um utilizador experimentado.

Rui aprendeu a fumar heroína na cadeia um mês após a sua detenção. Sempre oferecida, aí a consumiu “meia dúzia de vezes”, a primeira das quais na noite de Natal. Ali viveu os três meses correspondentes à prisão preventiva, acusado de tráfico de haxixe.

<sup>15</sup> “Caldo” – preparado com heroína, pronto para ser injectado; “bomba” – seringa; “quarta” – 0,25 gramas de heroína; “bafinho” – acto de fumar heroína; “prata” – papel estanhado ou de alumínio no qual a heroína é fumada.

<sup>16</sup> A invisibilidade a que nos referimos deverá ser relacionada com o “ocultamento” (Valentim 2000: 1007) levado a cabo pelos próprios utilizadores. Deste modo, a estruturação dos itinerários de utilização de heroína decorre, em muito larga medida, do “interdito absoluto” (Valentim 2000: 1007) a que os seus usos têm vindo a ser sujeitos. O interdito tem vindo a dever a sua eficácia ao facto de ser partilhado por todos, utilizadores ou não. Assim, a relação entre a invisibilidade e o ocultamento – resultado e reprodução incorporada desse interdito – deverá ser remetida para a dinâmica dos processos através dos quais as hegemonias são produzidas (Pina-Cabral 2000). Sobre a construção do interdito do uso de drogas, ver também Fernandes (1998a: 65). Para uma dimensão comparada, e para uma reflexão sobre a definição de uma doença com origem num elemento patogénico exterior mas cuja patologia depende da acção que resulta da transgressão de um interdito, ver Laplantine (1992 [1986]: 104-106).

Fátima conta que os seus próprios usos ocorreram “por simpatia” com os do marido, Fernando: “não ligava muito e não era muito dada a esse tipo de coisas. Fumava tabaco, só. Por ver fazer, experimentei.”

Tal como Rui, Fernando começara por utilizar cocaína. A conselho de um amigo, e face aos efeitos indesejados deste produto,<sup>17</sup> foi iniciado o uso de heroína. Fernando remete o processo constituído pelo consumo destas drogas para o quadro daquilo que caracteriza como um “ambiente” determinado: “todos os factores que nos rodeavam, as possibilidades que se nos deparavam e, depois, os conhecimentos que travei nas Galinheiras.” De acordo com a mulher, os “conhecimentos” obtidos neste bairro de Lisboa, sítio onde comprou droga pela primeira vez, resultaram da proximidade com os “meninos ricos” da vila para a qual se haviam mudado, situada a norte de Lisboa e conhecida como estância de veraneio. Chegados da capital, onde até aí tinham vivido e trabalhado – ele como mecânico, ela como funcionária de uma agência de viagens –, passaram a proprietários dos respectivos negócios, uma oficina de reparação automóvel e uma papelaria aos quais, mais tarde, viriam a juntar dois quiosques.

“Foi só para experimentar.” Esta é a forma como Joana caracteriza a curiosidade que esteve na base do seu primeiro consumo. A estudar em Lisboa, foi numa vila do litoral alentejano, também conhecida como estância de veraneio, que, com dezasseis anos e já no fim do período correspondente às férias escolares, fumou o “chamon” e a heroína, esta última com o “rapaz” que, dias depois, viria a ser seu namorado.<sup>18</sup>

Os primeiros consumos de heroína relativos a estes informantes apresentam em comum o facto de terem ocorrido no contexto de uma situação nova, caracterizada por uma mudança recente nos respectivos quadros relacionais. Assim, Joana reporta o início de um namoro ocorrido durante as férias escolares. Fernando e Fátima, que apontam um ciclo aberto por um novo “ambiente” com outras “possibilidades” e “conhecimentos”, sugerem uma transformação no seu estatuto e a respectiva proximidade com aqueles que Fátima designou como “meninos ricos”. Para Rui, a prisão. Para estes quatro informantes, a esta nova situação relacional correspondeu também uma mudança no local de residência. No caso de Joana, em gozo de férias, a deslocação para o Alentejo. No de Fernando e Fátima, uma mudança para fora de Lisboa. No de Rui, a cadeia.

Inês afirma que o primeiro uso de heroína lhe fora facultado por uma amiga, no quadro e na dinâmica de uma relação já estabelecida. O mesmo faz Manuel quando se refere ao amigo em cuja casa costumava

<sup>17</sup> Adiante descritos.

<sup>18</sup> “Chamon” – haxixe.



ver televisão. Nem um nem outro o inserem numa situação nova. Foram, no entanto, usos que os informantes apresentam como isolados, tal como os que viriam a ter lugar nos dois anos imediatamente subsequentes. Num e noutro caso, só após esse período a experiência seria não só repetida mas continuada, tal como acontecera com os outros informantes: com Inês, no contexto da relação com um novo namorado; com Manuel – aí diz “ter-se estragado” – no grupo da escola para a qual havia pouco tempo se transferira.

### **Dimensão relacional e atribuição de sentido**

A possibilidade de não existir uma coincidência entre o primeiro uso de heroína e uma continuidade na sua utilização, esta última remetida para a dinâmica subsequente a um novo quadro relacional, faz com que se estabeleça desde já uma diferenciação entre, por um lado, o primeiro consumo e, por outro, o primeiro consumo ao qual os informantes atribuíram o significado que justificou uma série continuada de uso. Tal diferenciação sugere igualmente que a atribuição desse significado possa ter ocorrido no contexto desse novo quadro relacional.

Remontando à primeira utilização, e sem deixar de referir que “não gostava muito do sabor”, Joana enfatiza os efeitos que então considerou positivos: “Sentimos uma coisa diferente, ao princípio, das primeiras vezes. De falar, de falar muito. Sentimo-nos bem. Eu sou uma pessoa tímida e quando fumava acabava a timidez.”

Por oposição a certos relatos que conhecia e que davam conta de experiências desagradáveis, Rui afirma: “Eu gostei logo.” Remetendo para o contexto do seu primeiro uso, e recusando sempre nomear a pessoa que na prisão lhe oferecera a heroína, esclarece:

Lembro-me que, às vezes, começava a pensar naquilo que me poderia acontecer, que eram seis a doze anos, que era a pena que estava sobre mim e que era o que o Ministério Público me queria dar e eu sentia-me enlouquecer. Arranjava truques para pensar noutras coisas [...] Aquilo realmente era um horror para mim. Um horror! E aquilo foi um alívio. [...] A heroína funcionou como um alívio.

Pode, no entanto, acontecer que a percepção dos efeitos decorrentes dos primeiros usos seja, sem ambiguidade, considerada desagradável. Recordando a sua primeira experiência com a heroína, Manuel diz que “o paladar daquilo” constituiu uma “sensação estranha: deu vômitos e fiquei cheio de calor. Não foi agradável”. Este tipo de apreciação não invalida que a reiteração na utilização não possa corresponder ao que se apresenta como uma

necessidade.<sup>19</sup> O caso de Fernando, cujo primeiro uso correspondeu a uma prescrição, ilustra bem essa possibilidade.

Três meses antes, o informante tinha vindo a inalar a cocaína que diz ter-lhe induzido “uma sensação de liberdade” atribuída ao facto de “fisicamente [se sentir] capaz e apto para quase tudo”. Nomeia a combinação dessa “resistência” com o desejo sexual, “coisa que marcava constante e diariamente”, para “esperar que chegasse a noite porque era quando tinha disponibilidade para estar com a mulher [...] nessa altura, as coisas em vez de durarem horas, eram a noite toda”. Tal como ele, Fátima, que também passara a usar a droga, “tinha capacidade para aguentar”. De acordo com Fernando:

Cheguei a um ponto em que comecei a sentir que já não tinha controlo sobre a situação. [...] chegou a uma altura em que era apenas o sexo em si, só. E chegámos à conclusão de que aquilo estava a ser demais. Estávamos a chegar a pontos de que já não estávamos a gostar. [...] eu comecei a sentir umas palpitações no coração; comecei a sentir umas sensações estranhas na cabeça; umas tonturas, mal-estar.

Trata-se de uma situação que integrou um conjunto de sinais somáticos em cuja origem não foi possível separar o consumo da droga e os seus efeitos da situação na qual eles foram avaliados. Fernando não sabe se os amigos se teriam confrontado com um problema semelhante mas reforça o facto de, no grupo, ser o único que estava casado. Estando-o, deveria a sua sexualidade ser encarada de uma forma diferente da que resultaria de uma relação ocasional. Ou seja, a diferença com a situação relacional dos amigos faria com que o problema, a existir, se lhes não pusesse numa mesma forma.

Na linguagem que remeteu em exclusivo para os sintomas – “uns nervos, uns tremeliques” – queixou-se a um dos companheiros: “Se fumo a coca fico excitado, mas aquilo já não é o que era”. Face à situação e como forma de evitar as perturbações apresentadas, o amigo recomendou-lhe o uso de heroína. Sobre os resultados da experiência, afirma: “Ao princípio, o sabor de fumar deu-me náuseas, umas comichões horríveis; andava sempre a coçar-me depois de consumir. [...] Mas acalmava.”

O caso merece alguma reflexão. É que não só a heroína não se constituiu num “prazer automático, imediato, não elaborado, conseguido pela manipulação do funcionamento bioquímico do [...] sistema nervoso central”, como não se afirmou “contrário dos outros prazeres mediatizados pelos órgãos dos sentidos, pela compreensão intelectual, pelos afectos e emoções”

---

<sup>19</sup> Para a análise de uma outra situação na qual a primeira utilização de heroína constitui uma experiência valorada de forma negativa, ver Rettig e outros (1977: 2, 33). Sobre a variabilidade das avaliações atribuídas às primeiras experiências com heroína, ver Pallarés (1995: 64-71).

(Miguel 1997: 26). A experiência de Fernando não pode ser revista nesta formulação que se constrói na base de um substracto biologista, estendido a todas as drogas (Miguel, Maia e Gomes 1999: 136), e na qual a denominada dependência psíquica é remetida para o sistema de recompensa cerebral, “dito de outra maneira, para os neurónios dopaminérgicos e para as estruturas que eles excitam” (Pirot e Tassim 1999: 142).<sup>20</sup>

A genitalidade que o informante associou à utilização quotidiana da cocaína apresentou-se-lhe perigosa porque a considerou como não estando mediada pelos afectos e emoções que, na sua opinião, deveriam constituir a relação com a mulher. Ora, foi esse perigo que tornou necessária a heroína, mesmo quando o seu uso se constituiu num desprazer imediato. De resto, nem mesmo os efeitos decorrentes da primeira inalação de cocaína haviam sido sujeitos a uma avaliação que justificasse a sua utilização no período imediatamente subsequente. A droga fora pela primeira vez usada por Fernando a insistência de um cliente de Lisboa que lhe deixara um carro em reparação: “Lá dei um risco de coca. Realmente foi uma sensação engraçada, fiquei um bocado acelerado, *speedado*, sei lá. Uma sensação na garganta, tipo uma gota constante. Isso passou-se.” Só mais tarde, na companhia dos homens que constituíam o seu grupo, é que diz ter o uso induzido o que descreveu como uma aptidão física especial. Trata-se, ainda assim, de uma descrição cujo conteúdo não pode ser assimilado a um prazer não mediado por afectos e emoções. E isto mesmo que não se discutam as questões que decorrem da homogeneização de um conjunto de experiências qualitativa e situacionalmente tão diferenciadas mas que, enunciadas através de uma e só uma categoria, o prazer, se transformam assim num referente quase abstracto.

A experiência de Inês é, a esse título, esclarecedora: “Tinha dezassete anos quando consumi pela primeira vez. [...] A primeira vez que injectei [...] lembro-me que era o 5 de Outubro porque era feriado [...] Foi com o meu namorado, foi com ele que comecei. Gostei logo. Um dia antes tinha consumido cocaína pela primeira vez e já que consumi uma coisa, tinha de experimentar a outra.” De facto, a informante já tinha usado heroína por duas vezes: “Uma vez a I. [uma amiga] trouxe um bocadinho de pó e fumámos uma chinesa.<sup>21</sup> Fumei e não gostei; não percebi sequer a moca daquilo. [...] A primeira chinesa que fumei tinha quinze anos. Depois fumei outra com

<sup>20</sup> Trata-se daquilo que Valentim classifica como um “enunciado farmacocêntrico” (2000: 1026) e que, neste caso, remete o uso de qualquer droga para os seus efeitos supostamente hedónicos: “o primeiro consumo do produto activa o sistema de recompensa e leva a uma ‘satisfação’ cerebral. Daí uma motivação para repetir a experiência, o que, por sua vez, activa os sistemas executivos, decisionais e motores, permitindo a procura de uma nova experiência. Logo que esta se torna possível, o círculo vicioso da dependência psíquica é posto em movimento” (Pirot e Tassim 1999: 142). É de notar que esta formulação é criticada pelos próprios autores que, entre outros aspectos, chamam a atenção para o facto de o sistema dopaminérgico ser igualmente activado por situações como a do *stress*, concluindo assim que ao estímulo da transmissão dopaminérgica não correspondem necessariamente efeitos de recompensa.

<sup>21</sup> Heroína fumada.

dezasseis. Nem me apercebi do que era aquilo.” Em resumo, apesar das utilizações anteriores, o processo que justificou a continuação do uso – iniciado apenas pelo primeiro consumo ao qual foi atribuído um efeito positivo – só viria a ocorrer no interior de uma relação recente com aquele namorado. Para Fátima, apesar de desagradáveis, essas utilizações justificaram a sua continuidade no perigo a que o marido julgava estar sujeito o seu casamento. Em qualquer dos casos referentes às três mulheres, e independentemente da existência de utilizações anteriores, os efeitos considerados positivos só ocorreram no interior da relação com um homem.<sup>22</sup>

O caso dos homens apresenta-se diverso. Tanto os primeiros consumos como os que antecederam um período de utilização continuada ocorreram no contexto do grupo de pares. Para Rui, Fernando e Manuel foi aí que foram encontradas as primeiras vias de acesso à heroína e à aprendizagem do método através do qual esta pôde ser consumida: no primeiro caso, com um outro preso, no segundo, com outros homens que partilhavam um local de residência, no terceiro, com os rapazes que frequentavam a mesma escola. Contudo, esta semelhança não obscurece as diferenças entre os itinerários dos informantes: se para Rui a utilização da droga se constituiu em *alívio* de uma situação insuportável, para Fernando ele foi levado a cabo na sequência de uma prescrição que encontra o seu sentido no estado da relação com a mulher.

Foi diferente o itinerário de Manuel. Na passagem dos dezasseis para os dezassete anos afirma que vinha a recusar participar nos consumos dos outros: “‘Eu não quero, não me apetece’. E ficava. Às tantas iam todos e eu ficava ali encostado ao muro [onde esperava o retorno dos amigos]. ‘Que se lixe!, hoje vou ver também. Não vou fazer mas vou ver também’”. Refere também a forma como era conseguido o dinheiro para os usos a que passou a assistir e, ao fazê-lo, indica ainda como, mesmo sem fumar, se incluía no acto de juntar o dinheiro para a compra: “um dava quatro contos, outro dava um conto e fazíamos seis contos. Era mais que meia grama. Ele [o único que estava agarrado] ia comprar e quando chegava não dava meia grama, dava uma quarta.<sup>23</sup> Eles ficavam todos contentes e o resto era para ele.” Numa dessas vezes – “Um dia, olha!” – começou a consumir.

O primeiro uso é assim remetido para um processo ocorrido no grupo a que pertencia. Num primeiro tempo, esse processo integrou a recusa da

---

<sup>22</sup> Para uma apreciação das condições de acesso à primeira utilização levada a cabo por mulheres, e para o contexto dos EUA, ver Rosenbaum (1985: 19-30).

<sup>23</sup> A “quarta” ou “quarteira”, assim nomeadas por supostamente conterem um quarto de grama, foi a unidade mais utilizada pelos informantes para medir o próprio consumo. A droga foi referida como estando quase sempre “cortada”, ou seja, misturada com outros componentes que permitem manter o peso baixando a quantidade de heroína existente na mistura. Pode ainda acontecer que o peso da mistura seja inferior ao peso que seria suposto ter; neste caso diz-se que está “ferrada”.

partilha da heroína. Mantendo-a, ela seria sobreposta com a sua participação na dinâmica correspondente à compra da droga, sendo que só depois a passou a utilizar. Manuel situa os usos no contexto de interação para o qual se remeteu, mas também afirma que ninguém lhe “pôs nada na boca”.<sup>24</sup>

Leo Smits apresenta a etnografia de um grupo constituído por três mulheres e três homens agregados pelo planeamento e prossecução de várias actividades ilegais não violentas. A heroína, marcador ilegal de um estilo de vida também ilegal, era obrigatória e rotativamente comprada por um e usada por todos, três a quatro vezes por semana (1980: 17-34).<sup>25</sup> A comparação apenas salienta as diferenças com a situação de Manuel, que não só afirma não ter sido coagido a fumar como descreve a forma como continuou o uso por períodos em que estudava e, depois, pelo período em que trabalhou no estabelecimento comercial de que o pai é proprietário. A narrativa correspondente ao processo das situações de interação dá apenas conta da dinâmica na qual se inserem os momentos em que decidiu ver e, depois, consumir.

Esta perspectiva não contradiz a explicitação, feita *a posteriori*, do alívio do medo com que Rui vivera o primeiro mês de encarceramento. Também não é contraditória com o conteúdo da história contada por Joana, na qual ela afirmou que consumiu a heroína com o namorado “só para experimentar”, ou com a de Inês, quando deu a conhecer a forma como, também com um namorado, o fez no dia seguinte a ter experimentado cocaína. Ou ainda com a maneira como Fátima afirmou ter o seu uso ocorrido “por simpatia” com os do marido.

Todos os informantes remeteram a contextualização dessas utilizações para o interior de uma dinâmica relacional. Fernando apresenta-as mesmo como decorrentes do alinhamento lógico do conjunto de causas que encadeou. Às utilizações cuja explicação não seja encontrada num encadeamento semelhante de causas, nem por isso, como sugere Valentim (2000: 1028), lhes

<sup>24</sup> O conteúdo da afirmação é partilhado por Joana, que, a este respeito, afirma: “Meti-me porque quis, ninguém me obrigou. Fui pela minha cabeça.” A afirmação confirma a análise de Rosenbaum, na qual é refutada a ideia de que as primeiras utilizações levadas a cabo por mulheres no contexto das respectivas relações com um homem não resultam do facto de terem sido “forçadas” por este (1985: 30-31). Mesmo quando, em tais experiências, “as mulheres tenderem a estar ligadas a um homem que também usa heroína (apesar de o inverso não ser verdadeiro)” (1985: 4).

<sup>25</sup> Tratava-se de uma situação decorrente de uma definição informal, a de que cada membro do grupo deveria, à vez, adquirir e fazer circular alguma heroína. É a esta luz que deve ser interpretado o termo “obrigatória”. Este padrão de uso fazia parte dos dois critérios que informalmente definiam a pertença ao grupo: “Em primeiro lugar, cada pessoa tinha de ser um criminoso bem sucedido; em segundo, tinha de ter como padrão um uso controlado de heroína” (Smits 1980: 25). A este propósito, é referido um homem a quem foi vedado o acesso às actividades do grupo porque, para além de não cumprir o exigido pelo primeiro parâmetro, gastava todo o seu dinheiro na compra da droga, sendo por isso considerado pelos demais como não tendo um uso controlado. Tal situação torná-lo-ia a ele – e, por extensão, aos outros – mais vulnerável à acção da polícia (Smits 1980: 24-25). Para mais trabalhos que dão conta da existência de utilizações controladas de heroína, ver Zimberg e outros (1978), Davies (1998: 24-25) e Rosenzweig (1998: 142-143).

pode ser negado um sentido e, assim, reduzir uma causalidade complexa à presença de qualquer elemento prévio, eventualmente patológico. Por outras palavras, o processo em que o sentido vai sendo construído, dialecticamente implicado com a agência que integrou os momentos correspondentes às primeiras utilizações, remete para quadros relacionais cujas dinâmicas nem sempre são redutíveis pelos informantes a um modelo de raciocínio compatível com o que decorre da organização da linguagem. Tal aproximação é passível de dar alguma luz a elocuições como “Que se lixe!” ou “Um dia, olha!”, que ajudam a dar conta desses momentos em que as decisões de Manuel se articularam com a inserção no quadro que as influenciou.

Tal não equivale a dizer que tais usos se tivessem esgotado em si próprios ou que a sua ocorrência não tivesse correspondido também a outras expectativas. Para além da necessidade de “calma” que esteve na origem da sua prescrição, e a propósito do primeiro consumo, Fátima lembra: “Fumei e não senti nada. Senti comichões, simplesmente comichões. E comecei a olhar para as outras pessoas que estavam presentes – mas o que é que a gente tem de sentir? – porque eu não senti nada.”<sup>26</sup>

Num texto hoje clássico, escrito em 1953 (cf. Sherratt 1995: 38), já Howard Becker torna indistinguível a percepção do efeito de um produto psicoactivo – para o caso, a “marijuana” – das expectativas postas no seu consumo (1973: 41-58).<sup>27</sup> Também a propósito da relação entre percepção do efeito e aprendizagem das expectativas, Siskind faz a etnografia de um contexto sulameríndio de uso da *ayahuasca*, ou *yagé*, planta com um potencial alucinogéneo, existente na bacia do Amazonas (1973: 130-147). E afirma a autora:

as pequenas imagens parecidas com arabescos ou cordas podem ser produzidas pela acção química sobre os nervos, mas as visões dos espíritos que os Sharanahua procuram são aprendidas com os outros homens e a partir das crenças que eles partilham. [...] Jaguares, cobras e mulheres bonitas não podem ser encontrados numa substância vegetal ou no término de um nervo (Siskind 1973: 136).

Com estas referências, não pretendemos argumentar que todos os produtos têm o mesmo potencial psicoactivo. Antes queremos seguir a via aqui aberta por Becker e Siskind, passando a explorar na análise do uso de heroína dos nossos informantes a questão relativa à dimensão relacional do efeito-estereótipo.

<sup>26</sup> Àquilo “que muita gente se habituou a procurar na droga” dá Xiberras o nome de “efeito-estereótipo” (1997: 17). Para uma melhor formulação do conceito, ver também Xiberras (1997: 23-27).

<sup>27</sup> Ainda sobre um canabinóide e para o contexto da França, ver Ingold e Toussirt (1998: 75-93).

## Dimensão relacional e reiteração no uso

“Quando comecei a sentir a privação, ainda tinha possibilidades de combater a ressaca.” Com o emprego desta metáfora, que associa o consumo a uma luta, Fernando afirma que ainda tinha o dinheiro necessário para que o conjunto de sintomas que equiparara a uma constipação não se tivesse transformado no que a mulher designa como “a principal preocupação do toxicodependente: não ressacar”. Referindo-se à altura em que tal preocupação viria a ocorrer, no caso do marido após mais de um ano de utilização quotidiana, diz que só então “se começa a ter um medo terrível da ressaca”. Ou seja, os usos correspondentes a esse período de tempo não se deveram ao evitamento da “ressaca”.

Nenhum dos informantes consegue explicar a forma como passou a “estar agarrado”. Para Fernando, a questão é mesmo um mistério: “Como é que me deixei envolver na teia? [...] É isto que muitas vezes não consigo compreender, de mim para mim.” Quando dá conta da maneira como veio a utilizar todos os dias, Joana sugere um processo: “foi indo”. Acerca deste processo, Rui nomeia um período sem “sofrimento” e “angústia”, estados a que associou a “ressaca”. A este respeito diz:

Eu hoje olho para trás e não sei explicar muito bem. Começa por ser um consumo esporádico. [...] Continuei a consumir porque saí à espera de julgamento. Foi um ano em que andei sempre com medo. Receoso. Estava com medo do julgamento. E pronto, continuei; de vez em quando dava.<sup>28</sup> Foi – sei lá! – de x em x dias [como exemplo refere as sextas-feiras]. Não havia uma coisa certa, nem nada que se pareça. Ia trabalhar e se ia para fora não levava.<sup>29</sup> Depois, passados dois meses ou coisa parecida, sem dar por mim, um gajo acorda e pensa em comprar. Se não tem, tem de comprar. Não é que esteja a sofrer ainda, não sente qualquer angústia nem nada disso [...] aquilo é quase instintivo: vem à ideia.

Inês não consegue precisar exactamente quando, mas calcula que três meses após o primeiro consumo cujos efeitos considerou positivos “já sentia a falta”, e que “sempre que tinha mil pauzitos já queria”. O uso viera a ser continuado com o namorado, “uma pessoa encantadora”:

Estivemos a tirar um curso [de técnicas administrativas] que era subsidiado pelas Forças Armadas e, ao princípio, precisávamos de muito pouco. Eu se dava um conto a meias com ele era muito e ficava bem.<sup>30</sup> O tempo que

<sup>28</sup> “Dar” – acção correspondente ao acto da toma.

<sup>29</sup> Na altura, Rui era técnico de som de um conhecido músico do panorama *pop* português. Para além dos períodos de gravação em estúdio, o trabalho implicava o acompanhamento dos concertos efectuados fora de Lisboa e no estrangeiro.

<sup>30</sup> “Conto” – designação da unidade monetária correspondente à mais pequena quantidade de venda a retalho nomeada pelos informantes, o décimo da grama. A esta quantidade foi também dado o nome de “panfleto”. A expressão “ficar bem” ou “estar bem” designa o estado subsequente a uma toma de heroína.

estivemos juntos foi a viver às custas do curso, a pedir dinheiro emprestado à mãe dele, a juntarmos os dois. [...] Era eu e ele. Depois tínhamos o ordenado do curso ao fim do mês e então eram as tais festas. Na altura começou a ser também com a minha irmã.

Consumidora experimentada que encarava o próprio uso como muito “perigoso”, a irmã sempre se recusara a consumir com Inês. Quando a esta última ocorreu “um princípio de *overdose*”, após um primeiro corte na relação com o namorado, aquela ter-lhe-á dito: “Já que não queres largar, que andas nisso, pelo menos faz ao pé de mim que eu não te deixo morrer. Pelo menos faço tudo para te salvar, não te deixo morrer numa esquina qualquer.” Daí a presença conjunta no que designou como *festas*. Referindo o período que se seguiu às primeiras utilizações em comum com a irmã, sintetiza:

A partir daí, toda a minha vida e da minha irmã foram juntas. Consumíamos juntas, sempre! Por exemplo, termos mil escudos era não termos dinheiro; tínhamos de ter dinheiro para as duas [...] Não nos enganávamos. Eu tinha confiança total; eu dava-lhe o dinheiro, ela ia [comprar], fazia a divisão, dava o dela e trazia o meu.<sup>31</sup> Nunca me enganou. E eu fazia a mesma coisa. Nunca a enganei. Era assim uma confiança mesmo...

Inês fornece um dos elementos através dos quais, tendo o uso passado a ocorrer num quadro que definiu como de “grande cumplicidade”, lhe foi possível classificar esta relação: “Ou rressacávamos as duas ou não rressacávamos. Nesse aspecto era uma lealdade que eu nunca vi.” Por outras palavras, foi também no esforço de evitamento ou da experiência conjunta da “rressaca” que a lealdade que igualmente se expressava na divisão veio a desenvolver-se.

“Sempre dividi tudo com ela. Tanto eu como ela. É uma coisa que reconheço e é verdade: ela não era mulher de guardar para ela ou de tentar enganar.” Esta é a maneira como Rui avalia todo o tempo a que correspondeu o uso conjunto com a mulher. Remetendo-se para um período particular, uma gravidez, altura em que “tentava ter o máximo cuidado com ela”, especifica:

Dividíamos sempre tudo, fosse mil ou dez mil. [...] Eu chegava a ir a minha casa porque eu sabia que a minha mãe me ia dar um conto ou dois. Eu chegava a ir a pé a casa [nos arredores, a norte de Lisboa] para não ter de gastar dinheiro em transportes e vinha a pé – se conseguisse meter-me num autocarro sem pagar, muito bem, se não vinha a pé como fiz muitas vezes. Ia ao Casal buscar um conto ou dois. Aguentava aquilo [a “rressaca”] até Santos [local onde vivia com a mulher], para lhe dar metade a ela. Isto digo à boca cheia porque é a verdade! É uma coisa que acontece muito pouco entre casais toxicodependentes. É roubar o parceiro o mais possível. Foi uma coisa que não aconteceu entre nós.

---

<sup>31</sup> O “conto” era considerado insuficiente para um consumo comum. Para esse efeito, a informante refere como mínimo uma “quarta”.



Fátima também afirma ter “ouvido dizer que no pó não há amigos porque as pessoas se atraíam umas às outras”. No entanto, e a respeito da sua relação com o marido, diz:

Nunca fomos de nos enganar. Nisso não. Eu tenho a certeza de que o meu marido nunca foi consumir sozinho, e eu também não. [...] Eu, até hoje, tenho tido a sorte de o ter ao meu lado, de termos continuado juntos – vejo muito pouca gente assim – porque, normalmente, as pessoas separam-se por todas as razões.

Mesmo quando os informantes remetem a sua experiência enquanto utilizadores para uma situação na qual afirmam o que Inês considera uma cooperação leal com outro consumidor ou consumidora, fazem-no considerando tal quadro uma excepção, reafirmando desta forma o estereótipo do toxicodependente cujas acções são anomicamente orientadas para um único objectivo: o consumo de heroína. Face aos exemplos apontados e ultrapassada a invisibilidade a que os itinerários de uso são sujeitos, tal representação omite, no entanto, a clarificação de uma questão importante: não sendo consumida “às cegas” – expressão utilizada por Rui para caracterizar, ainda antes dos primeiros consumos, a partilha de tal estereótipo –, isto é, tendo como únicas referências conhecidas as narrativas que constituem a toxico-mitologia heroinómana, como compreender que a droga continue a ser consumida?

Nomeando agora toda a história da relação com a irmã, Inês afirma:

Antes [de consumir] eu ainda não me dava ainda muito bem com ela. [Depois] Com a minha irmã era um elo! [...] Falávamos, conversávamos, a nossa vida era comum; era quase como se fôssemos uma. Mas era só por causa da droga. Isso eu vejo hoje em dia. [...] Quando estávamos com grandes pedras falámos de coisas que se passaram na nossa vida.<sup>32</sup> Coisas muito íntimas mesmo. Ela contou da vida dela e eu da minha. É um elo! Desde que parámos de consumir foi quando o elo se quebrou.

Atingida na sequência de um quadro agencial marcado pela “lealdade”, a “pedra” não se definia como um estado cuja fruição hedónica se limitasse à pessoa que consumiu. Foi mesmo apresentada como o único elemento que, na história da relação com a irmã, possibilitou os momentos que Inês descreve como sendo de grande intimidade. Ou seja, o uso conjunto de heroína não só não aparece como elemento exterior à relação como constitui mesmo o principal indicador da sua qualidade.

Com a excepção de Manuel, o único com os meios financeiros necessários para que a utilização continuada não se viesse a efectivar numa ruptura

<sup>32</sup> “Pedra” – designação do estado de consciência ou de ânimo subsequente a uma toma de heroína.

com o quadro relacional anterior ao uso quotidiano, todos os informantes apontaram a existência de pelo menos um período de cooperação estreita com outro consumidor. Tal como no caso de Inês, essa cooperação não foi apresentada como decorrente apenas da mera necessidade funcional de arranjar dinheiro para o consumo, sendo avaliada por relação à proximidade afectiva que esse uso conjunto proporcionou e do qual foi também resultado.

### O processo de continuação do uso

O espaço social de partilha e fruição da heroína não se restringiu, contudo, ao contexto das díades para as quais todos, excepto Manuel, se remeteram. Referida por Inês, a “festa” constitui outro indicador que, a um primeiro tempo, permite alargar a análise para além dessa situação relacional mais restrita em que os consumos foram sendo levados a cabo:

“Anda fazer uma festa!” Por exemplo, uma pessoa pode estar agarrada, “mas hoje tenho mais dinheiro, tenho vinte contos. Portanto hoje vou fazer uma festa, vou consumir muito mais; vou dar na branca”.<sup>33</sup> Juntamo-nos, às vezes; ou um só, sozinho. Ou mesmo pessoas que já estão bem,<sup>34</sup> mas chega o fim do ano ou é o dia de anos: “hoje são os meus anos, tenho de ir fazer uma festa. Vou dar no pó, assim a valer.” [...] Depois param. [A festa] Não se programa, acontece. Tem-se mais dinheiro; uma pessoa encontra este, encontra aquele e vai fazer-se uma festa.

A “festa” introduz duas importantes questões. Na primeira, a existência da cocaína como produto cujo uso complementa, no plano lúdico, a centralidade dada ao consumo da heroína. Na segunda, a forma como esse consumo se pode constituir num marcador temporal que agrega numa mesma comemoração utilizadores com periodicidades de uso diversas: pessoas que “estão bem” e que consomem de forma ocasional e outras que o fazem todos os dias.

Ainda que a utilização do “pó”, nomeadamente a “branca”, tivesse sido remetida para uma dimensão lúdica, a existência da “festa” só foi referida por Inês. No entanto, todos corroboraram o conteúdo da seguinte afirmação de Rui:

Dá gosto partilhar a droga. Eu sentia isso. Quando tinha muito, eu gostava de partilhar. Gostava de partilhar. Eu, se pudesse drogar-me acompanhado, drogava-me. Preferia do que estar a drogar-me sozinho. E isso acontece com quase todos. Quando há muita, as pessoas gostam de partilhar e vê-se que têm gosto nisso.

<sup>33</sup> “Branca” – cocaína. O nome remete para a cor deste produto que, desta forma e pelo mesmo motivo, o diferencia da heroína, também designada por “castanha”.

<sup>34</sup> Para além do significado acima anotado, a expressão “estar bem” também designa “estar parado” ou ter deixado de usar a heroína numa base de consumos quotidianos.

Para além da heroína, a descoberta deste espaço de partilha será feita acompanhando o uso de um objecto – a seringa – cuja importância não se resumia ao facto de providenciar a injeção endovenosa, técnica de consumo a que Rui, Inês, Fátima e Fernando chegaram e na qual, até à “paragem” que consideraram definitiva, estabilizaram.

Todos os informantes começaram por utilizar a heroína fumando-a. A heroína é fumada na “prata”, onde o “cavalo” é posto e na qual, prévia e longitudinalmente, são feitos um ou mais vincos. A folha, aberta, é aquecida com um isqueiro sob o sítio onde o produto se encontra. O “pó” passa assim ao estado líquido. Continuando a ser-lhe dado calor, vai passando ao gasoso, sendo os “vapores” aspirados através de um tubo, feito também de alumínio, de papel estanhado de um maço de cigarros ou de uma nota. Os vincos servem para oferecer resistência à progressão da “bolha”, fazendo-a rolar aí, e assim impedir, nem sempre com sucesso, que caia fora dos limites do papel. Na eventualidade de se querer repartir uma quantidade de heroína em vários actos de consumo, esta é “metida em caramelo”, ou seja, deixa-se que, imediatamente após ter sido liquefeita, solidifique. Voltando a ser dado calor, volta a liquefazer-se.

Quando ocorreu, a mudança para a injeção foi apresentada como resultando de uma necessidade de ordem económica: tratar-se-ia de conseguir um efeito mais prolongado com a mesma quantidade de droga. O acto de injectar é designado pela expressão “dar o caldo”. Em muitos casos, a heroína é preparada numa carica que, tirado o plástico que forra o interior, serve de cadinho onde se prepara a “sopa”, ou seja, onde se misturam a água, umas gotas de sumo de limão e o “pó”, último componente a ser adicionado.<sup>35</sup> A “sopa” pode ser aquecida com um isqueiro antes de, com o êmbolo da seringa, ser puxada pela agulha de forma a passar por um pedaço de algodão ou de um filtro de cigarro e aí fixar as impurezas que a droga possa ter. Só depois é injectada; “a quente” ou “a frio”, conforme seja ou não aquecida.

Referindo-se ao método como a heroína é tomada, Rosenbaum nota como a mudança para a injeção pode significar uma “ruptura simbólica”, na medida em que a essa metodologia é associado determinado padrão de consumo:

Quando a agulha hipodérmica foi pela primeira vez usada para injectar heroína, muitas mulheres sentiram ter as suas vidas atingido um momento decisivo; sentiram-se vulneráveis e expostas à dependência física. As suas vidas passaram a estar sujeitas a uma nítida falta de controlo (Rosenbaum 1985: 37-38).

<sup>35</sup> Existe um menor risco de a “poeira” se perder se for fixada pelo líquido em cima do qual é posta: “aquilo é pó e na altura em que se vive na rua pior ainda; não há abrigo, pode haver vento e leva tudo aquilo. Às vezes é um martírio fazer um consumo. Um martírio! Por exemplo, se estiver a chover”.

O caso de Rui ilustra a ideia de ruptura simbólica proposta por Rosenbaum, ainda que, no inverso dos exemplos apresentados pela autora, se refira a um homem que, sete anos após o primeiro consumo, viria a ser iniciado por uma mulher na técnica da injeção.<sup>36</sup> Face a uma situação em que a pequena quantidade de droga disponível dificultava a sua divisão, o informante afirma ter sido necessário insistir para que a mulher concordasse em dar-lhe o primeiro “caldo”. É que esta, mesmo utilizando desde sempre o uso endovenoso, partilhava com o companheiro uma mesma opinião. Como lembra Rui:

“vais injectar? Não devias fazer isso.” Não queria que eu picasse. Foi ela que me chutou. Eu não, tinha receio! Foi ela que me chutou a primeira vez. Depois não me quis chutar mais. [...] Realmente, a injeção é mesmo mais degradante. Um gajo degrada-se mais depressa. Tem uma data de riscos.

Iniês chega a assimilar a primeira experiência a que atribuiu significado ao primeiro consumo efectuado através de uma injeção, método a que Fernando e Fátima teriam acesso depois de aprendido “a medo” com um conhecido ao qual, na Curraleira, Fernando se queixara da curta duração dos efeitos da droga fumada e do desconhecimento da técnica da injeção:

Foi então que me disse que, se fosse preciso, ele vinha cá [a casa] e dava o caldo a mim e à minha mulher. Que ele era seropositivo. [...] Eu dei-lhe um pedaço da minha quarta [como forma de pagamento do serviço], o gajo fez para ele e injectou-se. Depois, noutro recipiente e com outro filtro [e com outra seringa], fez para mim e para a minha mulher.<sup>37</sup> Foi aí que aprendi a quantidade de água, a quantidade de limão, o pó.

Joana e Manuel, os únicos que nunca usaram seringa, são também os únicos que sempre mantiveram os respectivos empregos e que, ainda que com tensão nas relações com os familiares, nunca mobilizaram para o uso dinheiro conseguido fora do contexto dessas relações ou proveniente dos seus salários.

Apresentada como mera via de administração da droga, a injeção transforma-se em algo que ultrapassa uma estrita necessidade funcional. Referindo-se à organização do seu quotidiano, Fernando e Fátima apontaram a necessidade de dois “caldos” diários de heroína, cada um deles correspondendo a uma “quarta” injectada em conjunto. “Fazendo-se à vida” após o “caldo” da manhã, reuniam o dinheiro que permitia a compra de mais uma “quarta” no Casal Ventoso, injectada também em casa ao fim da tarde. Depois da hora de jantar, e noutro ponto da cidade, era posto em prática o mesmo

<sup>36</sup> Sobre a questão relativa às técnicas de uso e à importância dada à injeção, ver também Romaní e Funes (1985: 68-69) e Pallarés (1995: 65).

<sup>37</sup> Os cuidados referidos por Fernando destinaram-se a tornar segura a injeção, tendo em conta a possibilidade de contágio com os vírus HIV ou com a hepatite.

“esquema” utilizado durante o dia, mas que, então, permitia a compra da heroína destinada ao “caldo” da manhã seguinte. Na hipótese de algum excedente que permitisse a aquisição de mais droga, antes de dormir era dada uma nova injeção, segundo Fernando destinada apenas a “sentir o aço da agulha”.<sup>38</sup> Explicando a qualidade da relação entre ela e o marido, já casados quando dos primeiros consumos, Fátima diz: “Entre nós, pessoalmente, há uma dependência também porque ele não consegue dar os caldos sozinho; eu é que lhe dou os caldos a ele porque lhe faz impressão espetar uma agulha.” Foi o próprio desenvolvimento qualitativo da relação que se tornou indissociável tanto do quadro de cooperação destinado a conseguir dinheiro como dos momentos e da forma como o “caldo” era dado.

De acordo com os quatro informantes que consumiam a heroína por via endovenosa, é o próprio acto em si que não pode ser reduzido a um simples meio para administrar a droga. Contextualizando de maneira ainda mais alargada o acto de “dar o caldo”, remetendo-o para o quadro da “ansiedade” referida por Joana e Fátima, Inês diz – “coisa incrível!” – que “basta ter o dinheiro na mão para a pessoa ficar logo com outro estado de espírito. Parece que metade da ressaca já se foi embora. Quando compra, então! Quando já está com ela na mão, parece que metade da ressaca, um terço da ressaca já se foi”.

Rui, a quem também “a ressaca parecia desaparecer” quando tinha na mão o dinheiro, afirma ter até defecado “duas vezes pelas pernas abaixo” quando, após a compra, ficou com a heroína na mão. É que, explica, “quando estava a ressacar e pensava em poder ir comprar, fazia logo o filme todo. Aquela coisa dum gajo receber o dinheiro e passar a ressaca não é só o contacto [com a agulha], é o filme todo que a gente faz: do ir comprar, do ir buscar, de dar”. Em suma, o acto de “dar o caldo” não só não se resume à função que lhe é atribuída como a análise da sua significação não se esgota no momento em que é levado a cabo.

A posse do dinheiro, a deslocação e a compra representam assim momentos de um contínuo no qual o consumo se apresentava como dado adquirido. Entre este “caldo” e o seguinte, novo período de relativa incerteza, marcado geralmente pela necessidade de prossecução de mais um “esquema”, destinado à angariação de mais dinheiro. Ou, nas palavras de Fátima para o marido: “Ó Fernando, isto não pode ficar assim. A gente daqui a bocado está a ressacar. A gente tem de se fazer à vida!”<sup>39</sup>

<sup>38</sup> Lindesmith refere a existência de pessoas que “encontram prazer ao fazer a punctura com a agulha e em brincar com a injeção” (1972 [1947]: 34). A este propósito ver também Patrício (1995: 97). Stanton Peele aponta mesmo a existência de utilizadores que aliviam os sintomas da privação com a simples picada de uma agulha ou com uma injeção de água (1985: 15). Jorge Câmara refere também que, “por vezes, só o injectar de produtos inócuos é capaz de produzir um ‘flash’, isto é, bem-estar intenso” (1990: 207).

<sup>39</sup> A expressão “fazer-se à vida” é de uso comum e designa o conjunto de expedientes, geralmente levados a cabo fora do grupo doméstico e que permitem arranjar dinheiro para a compra de droga.

De acordo com Rui, esta incerteza constituía-se mesmo na principal causa da “falta de paciência” para as tarefas do quotidiano anterior ao período de “habituação”. A título de exemplo, refere a necessidade de, antes de se deslocar à maternidade para aí efectuar as visitas à filha recém-nascida, garantir o consumo do dia. No entanto, diz que, mesmo assim, se “sentia lixado”.

P: Sentia-se lixado porquê?

R: Por começar a ver que não tinha paciência para a minha filha. Isso revoltava-me.

P: Isso é interessante porque quando ouvi esses relatos – da falta de paciência –, foi porque a pessoa estava a ressacar, não quando estava com o produto. Porque se tem essa falta de paciência?

R: Realmente, quando a pessoa está pedrada, a paciência existe. Eu, quando me refiro à falta de paciência... Realmente isto é um bocado estranho, parece que me estou a contradizer um bocado.

P: Então vou fazer a pergunta de outra maneira. Se você precisar de produto porque está a ressacar e estiver a montar algum esquema para arranjar dinheiro em que é preciso ter paciência para esperar, aí a paciência não falta?

R: Aí não falta porque há aquela ideia fixa do resultado final que é arranjar o dinheiro. O problema, se calhar, não tem a ver com estar pedrado ou não, tem a ver com aquilo que está a fazer. [...] Um gajo chega a um ponto... aquilo destrói um gajo por dentro.

Independentemente da forma como, sendo remetida para os efeitos da heroína, a contradição se explica,<sup>40</sup> o que se pretende ressaltar é que o contínuo que atribui a significação à posse do dinheiro e, depois, da droga e, por fim, ao “caldo” terá de ser estendido aos “esquemas” de que estes três momentos dependem. A este propósito,<sup>41</sup> Peele dá conta dos consumidores canadianos que, no início da década de 1960 e fugindo à escassez de heroína decorrente das políticas mais severas que as autoridades do seu país nessa altura adoptaram face a essa droga, foram para o Reino Unido com o objetivo de aí se inscreverem em programas de manutenção com heroína. Apenas

---

<sup>40</sup> Embora o âmbito deste ensaio não inclua o tratamento das questões relativas à construção da toxicod dependência como doença, trata-se de um exemplo que ilustra a forma como tal concepção do uso é interiorizada pelos próprios utilizadores e a maneira como esta interiorização se exprime no seu discurso: tanto a “falta de paciência” como a contradição criada pela sua evocação foram remetidas para a heroína, que “destrói por dentro”.

Ainda que se potenciem mutuamente, são, no entanto, de assinalar as diferenças entre um discurso biomédico estrito e o da generalidade dos consumidores, a quem não interessam as questões relativas à biologia molecular e à neurofisiologia do cérebro. Por outras palavras, trata-se de dois discursos que apresentam contiguidades mas que não são coincidentes (para uma reflexão que tenha como objecto as formas de articulação entre ambos, e tendo como base de reflexão o alcoolismo, ver Fainzang 1996). Uma aproximação que tenha em conta estas contiguidades é passível de, por exemplo, dar alguma luz à noção da ruptura constituída pelo uso da “bomba”, para cuja eficácia poder-se dizer também o estatuto simbólico atribuído a uma “seringa”.

<sup>41</sup> Referindo R. Solomon, 1977, “The Evolution of Non-Medical Opiate Use in Canada II: 1930-1970”, *Drug Forum*, 6, 1-25.

um quarto dos emigrados ficou, sendo que os que voltaram o fizeram relatando a falta da “excitação da cena da rua”: “Para eles, a heroína pura administrada num ambiente médico não produzia a pedra que conseguiam quando auto-administravam a heroína adulterada das ruas” (Peele 1985: 14-15).<sup>42</sup>

### Itinerários, espaço e experiência

No que diz respeito ao caso específico destes utilizadores de heroína, e exceptuando os casos de roubo pontualmente levado a cabo por três informantes (Rui, Inês e Fernando), a passagem de um objecto de valor ou de uma verba em numerário de uma ou várias pessoas para os consumidores, bem como a compra da própria droga, configuram momentos de interacção face a face.<sup>43</sup> Por isso, do ponto de vista de quem usa, esta interacção só se torna eficaz se tiver correspondido à escolha dos interlocutores certos. Como parte desse processo de escolha, a ponderação sobre quais os locais onde encontrar tais interlocutores.

Referindo-se às únicas alturas em que planeou as suas necessidades de heroína, Rui explica que tal acontecera quando, integrando a equipa de técnicos do músico para quem trabalhava, tinha de se deslocar ao estrangeiro. A droga era então comprada numa quantidade que esperava corresponder ao uso dos dias em que se encontrava fora. Nem sempre este cálculo se revelava eficaz:

ou vinha a ressacar para Portugal ou, então, tinha que lá andar à toa, sem conhecer ninguém, num país desconhecido, à procura para comprar. Foi o que me aconteceu em N. [nome de cidade europeia]. Fiquei sem nada. Fiquei aflitíssimo. Saí à aventura pela cidade; meti dinheiro no bolso e aí vai disto.

Não podendo ter acesso directo à heroína, tinha de tentar encontrar as pessoas que, como ele, a utilizassem. Apesar de não ser fácil, acabou por tornar-se possível. “É muito difícil explicar”, mas as “pessoas que consomem [...] reconhecem-se logo [...] a maneira de estar, vê-se logo. Tipos encostados à esquina. O comportamento é diferente. O comportamento de uma pessoa que usa é diferente”.

A descrição sobre a forma como, naquele caso particular, se movimentou poderia ser a de qualquer turista que se desloca num território urbano que não conhece. Foi na observação atenta do mesmo espaço

<sup>42</sup> Sobre o uso médico de heroína no Reino Unido, desta vez como medicamento para a tosse, diarreia, dores crónicas e outras afecções, ver Alexander (1994: 8-9).

<sup>43</sup> Aqui, no caso das pessoas que colectam um valor na rua, a utilização do termo “numerário” tem como objectivo dar conta da diferença com outras formas de dinheiro, como são o cheque e o cartão de crédito ou débito.

geográfico, o da cidade comum a todos os que a percorrem, que a heroína e os seus usos tiveram de ser encontrados:

[P]us-me lá numa praça, sentado num banco, a observar. Sentei-me, tinha um mapa porque senão perdia-me. A observar. Passado pouco tempo, houve alguém que se dirigiu a mim. Eu já o tinha topado. Eu topei logo: aquele gajo droga-se, tem a ver com droga. E o gajo também topou que eu tinha a ver com a droga [...] Ele também estava parado! Lá, com um gajo. Viu-se logo. Vê-se pelo ar das pessoas. Na maneira de estar. Como se costuma dizer, “a polir as esquinas”: um gajo está parado a observar o que se passa à volta. [...] As pessoas ditas normais não estão normalmente paradas, encostadas às esquinas, por exemplo. A meio da manhã. Estão a trabalhar ou em movimento.

Foi o uso de heroína que configurou a necessidade de uma “aventura” e imprimiu ao itinerário que a compôs a dimensão da descoberta.<sup>44</sup>

Tal como no caso particular desta cidade europeia, todas as descrições ou narrativas feitas pelos informantes sobre os respectivos itinerários de uso incluíam a menção a bairros, ruas, praças ou edifícios da cidade de Lisboa. Aqui, os espaços nomeados não se constituíam, no entanto, em sítios cuja passagem, utilização ou frequência fossem ditadas apenas pela necessidade de arranjar dinheiro ou comprar droga. Inês, por exemplo, diz ter andado com a irmã, uma tarde, “desde a Avenida de Roma até à Estados Unidos a cravar trocos. Inventámos uma história, que era para irmos para casa. Conseguimos dinheiro”. O esquema, no entanto não teria continuidade: “Não dava. Não tínhamos feitio para isso.” Referindo-se à altura em que tentou conseguir algum numerário arrumando carros, afirma: “tentei duas ou três vezes e desisti. [...] A única coisa que me deram foi lições de moral: ‘Uma menina tão bonita, tão nova!? Vá-se tratar!’ Dinheiro, que é bom, é mentira! [...] Não há mulheres a arrumar carros”. Por outras palavras, a classificação de género a que a ocupação está sujeita não tornaria tal “esquema” resultado de uma mera escolha aleatória. Como não foi aleatória a escolha do Martim Moniz, feita por Fátima e Fernando, para aí “cravar” módulos da Carris, ao fim da tarde, quando as pessoas se deslocam do local de trabalho para casa. Em primeiro lugar, teria de ser escolhido um local para o qual, vindos de casa, fosse possível a deslocação a pé.<sup>45</sup> O sítio, correspondente às

<sup>44</sup> Tratou-se de uma das poucas ocasiões em que Rui se viu na contingência de ter de comprar heroína sem ter para isso um contacto. Vezes houve em que a comprou no estrangeiro – refere a França e o Canadá – e em que o fez através de pessoas conhecidas.

<sup>45</sup> O dinheiro conseguido era na sua quase totalidade empregue na aquisição de heroína. Quando saíam de casa, podiam não dispor dos recursos necessários a uma deslocação conjunta de autocarro. De facto, para este e para outros “esquemas”, o valor a ser colectado deveria, no mínimo, incluir o preço da “quarta” de heroína mais o correspondente à deslocação de Fernando para e do bairro onde a droga era comprada. Na maioria dos casos, Fátima aguardava o marido em casa, local onde a injeção era sempre levada a cabo. O numerário em sobra, a haver, podia ser gasto na compra de alimentação, de cerveja ou de cocaína.



imediações de um quiosque onde os módulos eram comprados, tornava fácil identificar as pessoas a quem eles podiam ser pedidos e, assim, mais eficaz a história contada por Fátima de que havia perdido a sua mala e, com ela, o passe e o dinheiro que lhe possibilitariam a volta a casa depois de um dia de trabalho. A proximidade com o quiosque viria a revelar um ganho adicional e, dessa forma, evitar nova história a ser contada noutra local: uma vez reunido o número de módulos cujo valor correspondesse no mínimo a uma “quarta”, eles eram trocados por dinheiro no mesmo estabelecimento onde pouco tempo antes haviam sido comprados. É que quem aí os vendia “começou a conhecê-la [à Fátima] – ela diariamente estava ali! – e trocava-lhe os módulos. Ela entregava-lhos e o senhor devolvia-lhe o dinheiro porque os módulos eram todos do mesmo quiosque”.

Para além dos factores cuja ponderação era necessária ao seu planeamento, este “estratagema” põe em evidência uma outra dimensão. Os “esquemas” levados a cabo só se tornaram possíveis na medida em que resultaram do conhecimento da cidade e da interacção com as outras pessoas que nela vivem, trabalham e se deslocam. A observação de Rui que, na praça dessa cidade estrangeira, lhe permitiu indetificar e classificar um comportamento contrastado é disso exemplo. Sem esse conhecimento, estaria posta em causa a eficácia da história contada por Fátima, não sendo por isso cumprida a função de mediar para a sua posse a transferência do valor a que correspondia a compra da droga.

O uso de heroína foi construindo na cidade espaços sociais para cada um dos informantes. Para além destes, outros, com existência prévia à utilização da droga, se lhes revelaram com o mesmo fim. Apenas o Casal Ventoso foi referido por todos. A ida ou estadia neste bairro foi sempre apresentada como correspondendo ao corolário de uma série de trajectórias que incluíram, nos momentos correspondentes aos primeiros consumos, a visitação de outros bairros onde a droga era também vendida, geralmente os mais próximos do local de residência. Mesmo quando o início do uso veio a ocorrer em lugares afastados da capital, tal como no caso de Fernando, o acesso a estes locais tendeu a ser mediado por outros consumidores.

Joana foi a única que, na primeira vez que para lá se dirigiu, “entrou” sozinha no Casal Ventoso. Tendo disso dado conhecimento ao namorado, este pediu-lhe que não voltasse a fazê-lo. Assim, e até à prisão do companheiro, acusado de tráfico, nunca mais lá voltou. Como até aí, seria o namorado que, aos fins-de-semana, deslocando-se da vila alentejana onde vivia, comprava a heroína no “Casal” e a transportava para o Alentejo. Domingo, Joana voltava a Lisboa com a quantidade julgada necessária ao seu uso semanal.

Fátima afirmou ter sido ela quem estimulava a saída de casa para se “fazer à vida” com o marido. No entanto, esperava-o em casa ou num café da Rua Maria Pia enquanto este ia ao “Casal” comprar droga. A este respeito,

e depois de, face a ela, ter definido a dependência do marido por relação ao acto de “dar o caldo”, complementou: “Eu só tenho dependência dele porque não estou habituada a ir comprar.” Inês explica a razão pela qual só lá fora duas vezes nos quatro primeiros anos de consumo:

[No Casal Ventoso, a mulher] Deixa de ter corpo, deixa de ter formas. Deixam de ter cara, de... ser mulheres. O corpo... a mulher deixa de existir. Falam como um homem. Falam e agem... são homens que têm que viver no meio dos homens. Têm que se fazer à vida.

P: O que é falar e agir como um homem? O corpo?

R: Definem, como é lógico. Falar e agir como um homem é... daquela maneira dura e agressiva. Têm que ser agressivas, deixam de ter... uma mulher é mais doce; é diferente a falar, não é? É suposto ser. E uma mulher naquela vida não pode baixar a bolinha... E as mulheres com um certo tempo de rua, de vivência, etc., de terem que viver nas mesmas condições, a ter que viver em condições que nem para cães dão, às tantas começam a criar uma maneira... É calo; ficam duras, ficam frias.

Esta a razão pela qual só passou a ir lá todos os dias quando o namorado com quem vivia e que financiava o uso de ambos deixou de poder fazê-lo. Como estrangeiro, arriscava-se, caso fosse detido, a ser deportado.<sup>46</sup> A propósito da primeira deslocação, acompanhada pelo namorado da irmã, diz:

Eu vi que aquilo, realmente, era uma feira [...] fiquei espantada. Estupefacta. Nunca imaginei. Porque a Curraleira [bairro onde até aí comprara] não era nada disto. Era diferente, vendia-se às janelas, nas portas. Ora aquilo parecia um mercado. É um mercado. Era um mercado, o Casal Ventoso. [...] Há uma rua inteira, de um lado e do outro, a apregoarem: “aqui é que é bom”. É bichas, como se fosse... em vez de apregoarem as maçãs, os tomates e as couves, diziam: “Coca e cavalo! Quartas, meias e gramas”. De um lado e de outro, todos a gritar: “É para o Canita! É para este, é para aquele”.<sup>47</sup> [...] Fiquei parva: “mas isto é assim? Não há problema? O que se passa aqui?” Pronto, gente a vender seringas no meio da rua, velhas a venderem limões, água... tudo ali, à discrição. Tinha-se tudo, pronto. Barracas lá em baixo para se poder consumir...

Referindo-se ao Porto e aos “sítios das drogas” por si estudados, Luís Fernandes refere esta dimensão de um lugar a que corresponde uma interrupção da “experiência acústica da cidade”, que “provoca *efeitos sensoriais* próprios: quando entramos num bairro destes não são só a configuração do espaço e

<sup>46</sup> Ainda para a questão de género, mais concretamente para a relação entre as drogas e o espaço público enquanto campo de confrontação masculina entre utilizadores, traficantes e polícia, ver Young (1994) e Hughes (1977: 38). Para a relação entre uso da violência contra e no tráfico de drogas e luta pelo poder no espaço público, ver Bourgois (1995).

<sup>47</sup> Cada traficante do Casal Ventoso, bem como cada “vigia”, designação das pessoas que trabalham na vigilância das entradas do bairro e na publicitação e venda de droga, tem uma alcinha. Sobre a forma como se organiza a venda a retalho no Casal Ventoso, ver Chaves (1999: 197-238). Para a questão específica das alcinhas, ver Chaves (1999: 186, 225, 252 e 254).

a tipologia das casas que nos fazem saber que estamos num território próprio, é também o *espaço sonoro*" (1998b: 126, sublinhado do autor). Tendo em conta a experiência de Inês, também em Lisboa a um itinerário de uso no tempo vieram a corresponder a proximidade de novas relações e a correspondente aventura na descoberta de novos territórios.

Tal como estas, que se referem a um espaço sonoro e visual, outras experiências houve passíveis de remeter para a "dimensão motivacional" de "modalidades de acção que podem ser ditadas" por sinais sensoriais, nomeadamente olfactivos (Candau 2000: 28-29). Passado mais de um ano sobre a paragem no uso de drogas, Rui, que confirmou parte da sua agência e da companheira como resultado da classificação de género a que o "Casal" estava sujeito – "a minha mulher [...] até se prostituía na altura [mas] eu é que ia ao Casal buscar a droga, não era ela" –, referiu que o cheiro emanado pelos sacos e contentores de lixo existentes na cidade, pela sua similitude com "o sabor que vem à boca quando se injecta cocaína" e que "faz lembrar todo aquele universo de sensações do consumo" obrigam a um cuidado especial, face à possibilidade de assim ser espoletada a vontade de utilizar. Ou seja, a experiência do uso foi acrescentando a alguns estímulos sensoriais uma nova dimensão cognitiva.

Referindo não o uso mas a sua ausência, Joana inventariou dois tipos de "paragens" no consumo de heroína, paragens essas a que associou dois lugares distintos. No primeiro, Lisboa, a "recaída" constituía um perigo sempre iminente, porque,

quando se larga, os dias parecem enormes. Não se tem nada para fazer, não se têm objectivos. [...] Enquanto se está a fazer a ressaca tem-se um objectivo que é acabar a ressaca. Daí a um tempo acordo bem mas aguentam-se dois ou três dias com um vazio, uma coisa! Pronto, dinheiro na mão... [...] Se entra numa de ficar em casa, está ali e pronto. Depois começa a querer voltar à mesma vida. É naturalíssimo, já nada satisfaz.

P: Pelo que me tem contado, isso é um bocado esquisito. Então aguenta a "ressaca" e quando ela passa é que vai consumir?

R: Pois. É a parte mais difícil.

P: Mas porquê?

R: É a vontade da moca.<sup>48</sup> De ter a moca; é não saber viver sem ser com a pedra.

P: Mas o que é a "moca"?

R: O mundo é um vale de flores. Pronto, é não saber viver de outra maneira, estar habituado àquilo diariamente.

No segundo local, a casa do pai, situada numa aldeia do distrito de Castelo Branco, a "recaída" foi apresentada como correspondendo a um perigo

<sup>48</sup> "Moca" – "pedra". Designação do estado de consciência ou de ânimo subsequente à toma de heroína.

menor. Tal facto dever-se-ia à combinação de dois factores: o tempo ocupado com passeios pelo campo, muitas vezes acompanhada pelo progenitor, e o facto de aí não haver droga disponível para comprar. No retorno a Lisboa,

Quando chego ali ao Entroncamento, parece que venho no comboio e parece que já estou a começar a ressacar. [...] E a cabeça começa logo bum bum, bum bum. [...] Assim começo a pensar que tenho dinheiro no bolso e começo a fazer contas! Começava logo a fazer contas ao dinheiro que tinha: “agora chego a casa e faço assim e faço assado...” Parecia que estava a ressacar outra vez, mesmo que estivesse limpa há uma data de tempo.

A esta experiência chamou “ressaca geográfica”. Estando “limpa há uma data de tempo”, foi para um pensamento que “martela a cabeça” que foi enviada a necessidade e o subsequente prazer do consumo: “não se pára de pensar como arranjar dinheiro para fazer aquilo e na sensação tão boa que era tirar a ressaca”. Acontece que a emergência desse estado corresponde a um espaço claramente definido.

Rui refere uma experiência semelhante. Depois de vários meses passados numa comunidade terapêutica e conhecida aí a sua actividade profissional anterior como técnico de som, o informante foi autorizado e estimulado a montar, nas instalações da comunidade, um estúdio de gravação. Na sequência da actividade então levada a cabo, diz ter “vindo à rua” e, até, ao estrangeiro, “com pessoal de lá”. Afirma ter tido “droga à disposição” mas não ter tido vontade de a consumir: “Estava empenhado numa actividade de que gostava muito... não sei explicar muito bem... estava numa onda diferente.” Nomeando o momento correspondente ao abandono da comunidade e regressado, com a mulher, a Lisboa, diz: “quando saí, pronto, foi logo”.

Depois de apontar a “destruição das veias” e a decorrente dificuldade nas injeções como uma das razões para a paragem dos consumos de heroína e referindo-se aos perigos de uma “recaída”, Fátima afirma: “uma das coisas que vou ter medo é ter saudades da agulha e da seringa. Porque apesar de hoje ser doloroso para mim, eu gosto, tenho de admitir”.<sup>49</sup> Não admira que Rui tivesse nomeado o “bombar” – “Já depois de meter tudo, puxar e meter” o sangue com a seringa – como um “complemento muito importante”. Adicionemos agora a este factor, e em retrospectiva, a “lealdade” e, em algumas situações, a “festa” na partilha, a agência a que corresponde a criação e montagem dos “esquemas” para conseguir dinheiro e “o filme todo” que, antecipando-a, integra no itinerário correspondente à aquisição a “sensação tão boa” do contacto com a agulha. Então, o que nos surge é um processo em que as sucessivas alterações do estado de consciência dos utilizadores não podem ser remetidas em exclusivo para o momento da toma da heroína. Por

<sup>49</sup> A este propósito, ver Lindesmith (1972: 34-36).

outras palavras, a “ressaca” e a “pedra” são indissociáveis do processo no qual ambas vão sendo construídas, na medida em que nesse processo se concatenam relações sociais, espaços, objectos e gestualidades.

Referindo-se a uma das várias tentativas de paragem do uso, Fernando aponta a prescrição feita pelo seu médico de família de uma substância opiácea, normalmente utilizada como analgésico para dores tais como as cólicas renais ou as que resultam de doenças como o cancro, que lhe fora receitada sob a forma de comprimidos como meio para prevenir a emergência do sofrimento constituído pela “ressaca”. Sobre os efeitos desta medicação, e nomeando a persistência de uma percepção alterada, diz: “Não tinha aquelas dores mas não preenchia a necessidade. Faltava qualquer coisa.” A mulher, Fátima, afirma que esses e outros comprimidos poderiam ser usados como último recurso para “tirar a ressaca”, nunca como substituto da droga: “Não dá, não dá. Não é projecto de intoxicação.”

## Conclusão

Neste ensaio, estabelecemos, em primeiro lugar, uma diferença entre as condições de acesso às primeiras experiências com a heroína e o processo, contextual e relacionalmente diferente, em que a substância se transformou em “droga”. Esta transformação, que remeteu para um processo social de atribuição de significado e não principalmente para as propriedades farmacológicas da substância, não se efectivou, por isso, como um mero acto de informação. Não existe, na verdade, uma continuidade empírica entre os primeiros consumos e uma experiência de prazer.

Podendo corresponder a um mecanismo de adaptação, as utilizações de uma droga não podem ser separadas dos quadros simbólicos, relacionais e situacionais nos quais ela vai sendo utilizada, sendo que a percepção e avaliação dos seus efeitos se constituem assim num processo a que não são alheias as circunstâncias de esses usos se reportarem a consumos iniciais ou experimentados. As características atribuídas à droga simultaneamente resultam das, e induzem as, relações nas quais ela vai sendo carregada de sentido. Sem a droga, tais relações não existiriam ou, tendo existência prévia ao uso, não seriam passíveis de atingir a qualidade que se lhes atribui. Desta forma, a heroína converte-se num elemento de uma nova realidade que, para além dos objectos de afecto que proporciona, se vai expandindo pela visitaçao dos locais onde é falada, trocada ou vendida e por uma agência que vai adicionando a um território já conhecido um novo espaço social a explorar e a conhecer. O seu uso, que inicialmente era apenas mais um elemento da realidade, vai-se transformando ele próprio no quotidiano dos seus utilizadores. Trata-se de um quotidiano composto por um complexo de relações sociais, por um emaranhado de trajectórias que tornam a utilização possível

e pela materialidade dos objectos que o acompanham. Para a análise dos sintomas através dos quais a falta da “droga” se exprime – a “ressaca” –, bem como para a fruição do conjunto de actos cumulativos que constituem o seu consumo, é impossível isolar qualquer destes componentes.

Mas a “ressaca” é algo mais que a expressão simples de uma falta. A este propósito, e apenas a fim de melhor concluir a nossa discussão, reproduzimos uma pequena história contada por Joana sobre uma das suas idas ao Casal Ventoso:

Um dia [os polícias] chegaram lá e bateram num rapaz. Chamaram-no e ele fugiu. Deve ter sido por ele ter fugido, chamaram e foram atrás dele e deram-lhe porrada. Aquelas coisas, a mim, faziam-me... parecia que ainda ficava... ao princípio, mesmo que não fosse lá a ressaca... parecia que ficava tão mal... parecia que ficava com as dores de barriga, sentia-me mesmo mal. Não estava habituada a ver aquilo.

Para a informante, tratou-se de uma situação até aí desconhecida cuja expressão somática foi assimilada à experiência da “ressaca”. Esta pequena narrativa sugere que a “ressaca” vem a constituir uma espécie de idioma através do qual o utilizador percepção e exprime a realidade. Ora é justamente porque ela é transformada num idioma através do qual o utilizador percepção a realidade, assimilando-a e classificando-a através dessa experiência, que ela é passível de ser encarada também como um *locus* de criação do mundo. De um mundo que vai sendo estruturado como um projecto protensivo – isto é, de uma agência cujos significados integram o devir no qual ocorre o conjunto de actos que a vão compondo, e que, numa dinâmica projectiva, nela vão sendo construídos. Dito de outra maneira, enquanto processo que vai incorporando nos seus consumidores as modificações operadas nos seus quadros relacionais e agenciais, a heroína vai percorrendo um caminho: na sua qualidade e complexidade, tais quadros vêm integrá-la como um dos seus elementos definicionais. Enquanto objecto por relação ao qual se organizam novas relações, e no que estas também se definem numa nova experiência do corpo e do espaço, o seu uso vem a estruturar-se como um território de significação.

Alguns utilizadores ficam agarrados a uma situação em que lhes é impedida a existência nos quadros que construíram e nos quais se foram construindo. Através da atribuição à “maldita” da capacidade para “destruir por dentro” e “agarrar”, o discurso destes utilizadores faz com que, ao consumir o produto, ou seja, ao dar a um território de significação uma continuidade, sejam dominados por uma vontade que assim se lhes apresenta como sendo exterior e distinta da sua. É sobre esta dissociação que vem a desenvolver-se a “ressaca”, que transforma os utilizadores num “objecto obsessivo de percepção” (Scarry 185: 39) do mundo por si próprios construído e incorporado e cuja existência depende em exclusivo da sua reiteração

no uso. Dito de outra maneira, sem espaço conceptual para outro enquadramento, a heroína não pode ser explicada a não ser por relação a si própria.

Voltando a Gregory Bateson e à sua reflexão sobre as condições em que ocorre a paragem após um período de uso reiterado, este autor critica a “mitologia do conflito” a que são reduzidos todos os esforços de sobriedade do alcoólico: “Tipicamente, o assunto é todo ele tratado de forma premeditada como correspondendo a uma batalha entre o ‘eu’ e o ‘espírito do álcool’” (1987: 312). Assumindo este ponto de vista, também os usos de heroína devem ser entendidos como algo que não pode ser assimilado em exclusivo às respectivas tomas, constituindo todo o restante processo mero residuário das sequelas daí decorrentes. A necessária ultrapassagem deste reducionismo exige que a expressão “fazer-se à vida” seja encarada pelo seu valor denotativo, que é como quem diz, que a agência dos utilizadores seja abordada como parte de uma vida integrada que os transforma nas pessoas que são.

#### BIBLIOGRAFIA

- AGAR, Michael, 1985, “Folks and Professionals: Different Models for the Interpretation of Drug Use”, *The International Journal of the Addictions*, 20 (1), 173-182.
- AGRA, Cândido da, e Luís FERNANDES, 1993, “Droga Enigma, Droga Novo Paradigma”, AGRA, Cândido da, e Luís FERNANDES (orgs.), *Dizer a Droga Ouvir as Drogas: Estudos Teóricos e Empíricos para uma Ciência do Comportamento Aditivo*, Porto, Radicário, 56-86.
- ALEXANDER, Bruce K., 1994, “L’Héroïne et la Cocaïne Provoquent-elles la Dépendence? Au Carrefour de la Science et des Dogmes Établis”, BRISSON, Pierre (org.), *L’Usage des Drogues et la Toxicomanie*, vol. II, Boucherville (Quebec), Gaëtan Morin, 3-30.
- BATESON, Gregory, 1987 [1972], “The Cybernetics of ‘Self’: a Theory of Alcoholism”, *Steps to an Ecology of Mind*, Northvale e Londres, Jason Aronson, 309-337.
- BECKER, Howard, 1973 [1963], *Outsiders: Studies in the Sociology of Deviance*, Nova Iorque, The Free Press.
- BIERNACKI, Patrick, 1986, *Pathways from Heroin Addiction: Recovery without Treatment*, Filadélfia, Temple University Press.
- BOURGOIS, Philippe, 1995, *In Search of Respect: Selling Crack in El Barrio*, Cambridge, Nova Iorque e Melbourne, Cambridge University Press.
- CÂMARA, Jorge, 1990, “Toxicodependências: as Substâncias”, *Colectânea de Textos das Taipas II*, Lisboa, Centro das Taipas, 207-209.
- CANDAU, Joël, 2000, *Mémoire et Expériences Olfactives: Anthropologie d’un Savoir-faire Sensoriel*, Paris, Presses Universitaires de France.
- CHAVES, Miguel, 1999, *Casal Ventoso: da Gandaia ao Narcotráfico*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais.
- DAVIES, John B., 1998, *Pharmacology Versus Social Process: Competing or Complementary Views on the Nature of Addiction?*, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais, policopiado.
- FAINZANG, Sylvie, 1996, *Ethnologie des Anciens Alcooliques: la Liberté ou la Mort*, Paris, Presses Universitaires de France.
- FERNANDES, Luís, 1998a, “Os Princípios de Exclusão da Droga”, ARAÚJO, Henriques Gomes de, P. MOTA e P. C. SEIXAS (orgs.), *Nós e os Outros*, Porto, Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, 63-78.
- FERNANDES, Luís, 1998b, *O Sítio das Drogas: Etnografia das Drogas numa Periferia Urbana*, Lisboa, Editorial Notícias.
- GARRO, Linda C., 1992, “Chronic Illness and the Construction of Narratives”, GOOD, M. D., P. E. BRODWIN, B. J. GOOD, e A. KLEINMAN (orgs.), *Pain as Human Experience: an Anthropological Perspective*, Berkeley, Los Angeles e Londres, University of California Press, 100-137.
- HENDERSON, Dorothy, e Carol BOYD, 1992, “Masculinity, Femininity, and Addiction”, MIECZKOWSKI, Thomas (org.), *Drugs, Crime and Social Policy*, Needham Heights, Allyn and Bacon, 153-166.

- HENDERSON, Sheila, 1999, "Drugs and Culture: The Question of Gender", SOUTH, Nigel (org.), *Drugs: Cultures, Controls & Everyday Life*, Londres, Thousand Oaks e Nova Deli, Sage, 36-47.
- HODGSON, R. J., 1992, "Cognitions and Desire", WARBURTON, David M. (org.), *Addiction Controversies*, Chur, Harwood, 223-235.
- HUGHES, Patrick H. (1977), *Behind the Wall of Respect: Community Experiments in Heroin Addiction Control*, Chicago, The University of Chicago Press.
- INGOLD, Rodolphe, e Mohamed TOUSSIRT, 1998, *Le Cannabis en France*, Paris, Anthropos.
- LAPLANTINE, François, 1992 [1986], *Anthropologie de la Maladie*, Paris, Payot.
- LINDESMITH, Alfred R., 1972 [1947], *Addiction and Opiates*, Chicago, Aldine.
- MIGUEL, Nuno, 1997, "Toxicodependência: uma Perspectiva", *Toxicodependências*, 3 (1), 25-30.
- MIGUEL, Nuno, António MAIA, e Maria do Carmo GOMES, 1999, "Traços, Laços e Dependências: a Experimentação de Drogas", PAIS, José Machado (org.), *Traços e Riscos de Vida*, Porto, Âmbar, 95-142.
- PALLARÉS, Joan, 1995, *El Placer del Escorpion: Antropología de la Heroína y los Yanquis*, Bobalà, Milenio.
- PATRÍCIO, Luís, 1995, *Droga de Vida, Vidas de Droga*, Lisboa, Bertrand.
- PEELE, Stanton, 1985, *The Meaning of Addiction: Compulsive Experience and its Interpretation*, Lexington, MA, e Toronto, Lexington Books.
- PINA-CABRAL, João de, 2000, "A Difusão do Limiar: Margens, Hegemonias e Contradições", *Análise Social*, XXXIV (153), 865-892.
- PIROT, Sylvain, e Jean-Pol TASSIM, 1999, RICHARD, Denis, e Jean-Louis SENON (orgs.), *Dictionnaire des Drogues, des Toxicomanies et des Dépendances*, Paris, Larrousse.
- POHL, J., e C. J. BOYD, 1992, "Female Addiction: a Concept Analysis", MIECZKOWSKI, Thomas (org.), *Drugs, Crime and Social Policy*, Needham Heights, Allyn and Bacon, 138-152.
- PREBLE, Edward, e John J. CASEY, 1969, "Taking Care of Business: the Heroin User's Life on the Street", *The International Journal of the Addictions*, 4 (1), 1-24.
- RETTIG, Richard P., Manual J. TORRES, e Gerald R. GARRETH, 1977, *Manny: a Criminal-Addict's Story*, Nova Iorque, Harper & Row.
- ROMANÍ, O., e J. FUNES, 1985, *Dejar la Heroína*, Barcelona, Cruz Roja Española.
- ROMANÍ, Oriol, 1999, *Las Drogas: Sueños y Razones*, Barcelona, Ariel.
- ROSENBAUM, Marsha, 1985, *Women on Heroin*, New Brunswick, NJ, Rutgers University Press.
- ROSENZWEIG, Michel, 1998, *Les Drogues dans l'Histoire: entre Remède et Poison*, Bruxelas, De Boeck & Belin.
- SCARRY, Elaine, 1985, *The Body in Pain: the Making and the Unmaking of the World*, Nova Iorque e Londres, Oxford University Press.
- SHERRATT, Andrew, 1995, "Alcohol and Its Alternatives: Symbol and Substance in Pre-industrial Cultures", GOODMAN, Jordan, Paul E. LOVEJOY, e Andrew SHERRATT (orgs.), *Consuming Habits: Drugs in History and Anthropology*, Londres e Nova Iorque, Routledge, 11-46.
- SISKIND, Janet, 1973, *To Hunt in the Morning*, Londres, Oxford e Nova Iorque, Oxford University Press.
- SMITS, Leo, 1980, *Getting Off: an Anthropological Analysis of Heroin Users*, Amesterdão, Universiteit van Amsterdam.
- VALENTIM, Artur, 2000, "O Campo da droga em Portugal: Medicalização e Legitimação na Construção do Interdito", *Análise Social*, XXXIV (153), 1007-1042.
- WALDORF, Dan, 1973, *Careers in Dope*, Englewood Cliffs, NJ, Prentice-Hall.
- XIBERRAS, Martine, 1997, *A Sociedade Intoxicada*, Lisboa, Instituto Piaget.
- YOUNG, Malcolm, 1994, "The Police, Gender and the Culture of Drug Use and Addiction", McDONALD, Maryon (org.), *Gender, Drink and Drugs*, Oxford e Providence (USA), Berg, 55-75.
- ZIMBERG, Norman E., Wayne M. HARDIND, e Robert APSLER, 1978, "What is Drug Abuse?", *Journal of Drug Issues*, 8 (1), 9-35.



*Luís Almeida Vasconcelos*

HEROIN AND AGENCY: ITINERARIES OF  
DRUG USE IN LISBON IN THE 90s

*This article develops an interpretative analysis of the discourse of six Lisbon heroin users. It proposes a shift from a point of view centred on the primacy of the substance to a point of view oriented towards the importance of the product. Through the analysis of the contexts in which heroin begins and continues to be consumed, and of the interaction within the spaces where it is bought and used, the article shows how mobility becomes an attribute of people interacting with other people. The “hang over” is thus seen as a somatic expression of the imperative to access, in daily life, a non-legitimized world.*

Centro de Estudos de Antropologia Social (ISCTE)  
Luis.Vasconcelos@ics.ul.pt

